

O LIVRO DO CU...IDADO

Miriam Salete



PERFIL
EDITORIAL

Copyright© 2016 Miriam Salete

Projeto gráfico e editoração:

Thaís de Brujn Ferraz

Capa:

Perfil Editorial

© Olgamanukyan/dreamstime.com

Woman red lips with finger shh

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Salete, Miriam

O livro do cu...idado / Miriam Salete. -- São Paulo:
Perfil Editorial, 2016.

1. Câncer - Doentes - Narrativas pessoais 2. Experiência
de vida 3. Mulheres - Autobiografia 4. Salete, Miriam 5.
Superação - Histórias de vida I. Título

16-03655

CDD-616.994092

Índices para catálogo sistemático:

1. Câncer: Histórias de vida: Autobiografia 616.994092

Contato com a autora:

www.miriamsalete.com.br

miriamsalete7@gmail.com

2016

Perfil Editorial

www.perfileditorial.com.br
contato@perfileditorial.com.br

INTRODUÇÃO

Por que um livro com esse nome?

Seria apelo?

Talvez, talvez até haja um pouco, mas não é isso.

Provocação?

Uma aquariana sempre provoca, é inevitável, mas provocar não foi o motivo do livro.

Uma certeza maior seria a tentativa de desmistificá-lo. É, creio que seja esse meu motivo.

Pode-se falar de algumas partes do corpo sem problema algum de causar constrangimento. Até do cotovelo, com esse nome horrórico, podemos falar sem despertar nenhum afeto. Mas o cu, não! Definitivamente não! Como então referir-se a ele? Ânus? Vocês já ouviram, mesmo, alguém que não seja médico, falando ânus?

Há quem use o asterisco * para se referir a ele (até pela semelhança).

Cu é alvo de preconceitos.

E pré conceitos me incomodam, e incomodada eu escrevo.

Escrever é minha arma, meu instrumento, minha sina.

HISTÓRIA PESSOAL





Há algum tempo atrás, eu vinha prestando atenção no cu. Por conta de que procuro sempre prestar atenção a tudo que posso. Consciência é algo que busco, desde o Paraíso.

E meu cu dava mostras de algo estava errado.

Vou usar o verbo defecar, mas vocês sabem a que me refiro.

Eu sempre gostei de defecar – não combina...

Eu sempre gostei mesmo foi de cagar. É muito bom. É reconfortante, depurador, e fazemos isso há trilênios, não? Por que tantos eufemismos para dizer de coisas tão naturais?

Mas voltemos ao assunto; comecei a fazê-lo umas quinze vezes por dia. O que a princípio achei ótimo, mas com o passar do tempo essa frequência começou a me preocupar. Como sempre fui uma pessoa saudável, preocupei-me, mas não muito.

Comentei para os mais próximos, que acharam bem esquisito, e tentaram me alertar. Mas eu, super confiante na minha saúde, relevava... Pensava que meu organismo estava muito atento a qualquer sujeirinha, e que pra manter-se limpo, logo a expulsava. Inventei até uma tese, de que energias putrefatas que eu porventura captava dos ambientes, logo eram concretizadas e expelidas; estava feliz.

E começou a comichão de escrever sobre tais coisas, tidas como escatológicas. Conversei com os mais próximos. Cheguei a pedir artigos aos amigos, pela internet – amigos são fantásticos, não? Enviaram-me muitas coisas que dividirei com vocês no decorrer do livro.

Os diálogos foram ficando engraçados;

“Encontrei algo pra você colocar no cu, tia” dizia a sobrinha.

“Você ainda está querendo coisas sobre o cu”, perguntava a amiga.

“Olhe, Miriam, coloque isso no cu”, sugeria a irmã.

Eu respondia ao amigo: não achei o que você me enviou muito interessante, e não vou colocar seu cu no meu livro, tudo bem?

A essa altura, todos se divertiam com a proposta.

Sempre que eu participava de algum grupo novo e interessante, falava da minha idéia na esperança de engrossar o livro do cu.

E fui colocando em uma pasta no meu computador, alguns artigos que compartilharei com vocês.

A questão ficou mais séria quando comecei a defecar sangue. À princípio era uma gosma sanguinolenta. Sem graça...

Mas depois, jorrava quantidades significativas de um sangue púrpura que tingia o sanitário branco, e me deixava aterrada, ali olhando, deslumbrada com a minha produção. Novamente conversei com algumas pessoas sobre o fato, mas como eu estava bem, estava até meio contente de defecar sangue e não fezes – os outros não ligaram.

Fui à ginecologista fazer minha visita bi- anual. (anual nem amarrada no pau), e entre tantas informações, dei-lhe também essa, a de estar cagando sangue.

Ela perguntou-me se era dolorido, ao que lhe respondi que não, que era divertido (!!!).

Ela fez mais algumas perguntas, e eu lhe disse que talvez fosse a mudança de leite. Expliquei-lhe que comecei a beber leite sem lactose, não por intolerância a mesma, mas porque achei mais saudável, mas que justamente no período em que defecava sangue (já havia parado) eu não tinha encontrado o tal leite no mercado, e comprara do comum.

Ela escreveu na sua fichinha isso, e passamos para a sala ao lado, onde ela me examinou.

Pediu alguns exames, me dispensou, e tudo bem.

Não pediu, entre os exames, a colonoscopia.

Hoje eu, e muita gente mais, não entendemos o porquê.

Não citarei o nome da médica porque isso pode referir-se a um momento meu; não sei o que eu poderia estar vivendo inconscientemente que acabei atraindo essa atitude negligente da médica. Enfim, vou deixar pra lá.

Mas eu tenho uma amiga chamada Deize, e ela é infernal; pergunta muito, indica, explica, exige, etc... Pois bem, Deize exigiu que eu fizesse

o tal exame. Todos os dias ela me ligava, e eu teimosamente dizia que não iria fazê-lo; que era invasivo, que precisava de acompanhante, que era chato, e que a médica não pedira!

Dia seguinte, lá estava a Deize de novo. Dizendo que me acompanharia, que era necessário fazer por conta da idade, que depois dos cinqüenta anos era rotina, etc...Cada dia ela trazia um argumento. E eu, chatinha, rebeldezinha, inconseqüente, repetia que não faria.

Bem aquariana!

Contei ao Leonardo, médico querido, amigo de muitas horas, analista de plantão, que imediatamente se prontificou a me acompanhar no exame.

Exulte! Teria uma companhia agradável pra fazer uma coisa nem tanto.

Era mais um motivo pra eu fazer. Capitulei e marquei o exame. Sem pressa porque teria que encaixar um dia que eu pudesse com um dia que não atrapalhasse tanto a agenda de Leo.

Marcado o exame, feito o exame, senti que tinha cumprido minha tarefa da gincana: "Ame seu amigo e demonstre isso".

Foram momentos preciosos de intimidade compartilhada na mais sincera e verdadeira das amizades, num gesto que reputei de extremo carinho e gentileza.

Chegou o resultado, mas eu não abri, afinal eu só fora fazer o exame por conta dos amigos, e não porque eu sentisse que precisava.

E o exame ficou largado sobre a bancada do escritório lá de casa por um bom tempo.

Leo me enviou *e-mail* perguntando sobre o resultado do exame... Ah! Claro! Havia um resultado que precisava ser checado! Algumas vezes Deize ligava pra saber do resultado, então eu abri. Li. E não percebi nada. Juro!

É interessante sentir na pele esse mecanismo de negação que a gente só vê no outro, de uma maneira tão explícita.

Li e não registrei.

Um belo dia, marquei um café com o Leo e ele pediu que levasse o exame. Na hora em que eu saía de casa, quase esqueci o exame, voltei para pegá-lo em consideração ao Leo (!!!!!!!). Cheguei no consultório dele, conversamos, e depois fomos tomar café.

Ele perguntou se eu trouxera o exame. Joguei displicentemente sobre a mesa, e debochadamente lhe disse: Pronto! Agora até meu cu você vai conhecer, já que minha alma você já conhece, disse-lhe, em função de Leo ser meu analista na ocasião.

Ele perguntou se estava tudo bem, ao que respondi que sim, que as fotos saíram ótimas. Sempre debochando.

Ele olhou o exame, correu o dedo sobre o diagnóstico: "Adenocarcinoma"; e disse-me que seria interessante eu investigar. Olhei novamente! Li novamente! Li mas não li, ou melhor, o cérebro, ou o consciente, ou seja lá o que for, não registrou, e a ficha não caiu...

Continuamos a conversar sobre outros assuntos "mais interessantes", afinal meu filho de Curitiba tinha acabado de chegar, e eu queria falar disso.

Nos despedimos. Peguei o carro. Era dia do primeiro jogo do Brasil na copa; trânsito um pouco confuso, muito burburinho no ar...

Caiu a ficha!

Passei uma mensagem pro Leo; "Leo, é câncer!!!!" Ele não respondeu.

Ele nunca responde!

Pronto! Eu pensei...

Tô lascada! Achei que ele era fatal, invasivo, e que o Leo não iria querer me assustar e portanto não falaria comigo.

Cheguei em casa chorando. Liguei pra Deize, e de sopetão lhe disse: Dê, acho que estou com câncer.

Deize não chora. Raramente a vi chorando. É uma guerreira que teve que lutar também com um câncer, com um do marido, e na ocasião, o irmão fora também contemplado com um, nos pulmões .

Parece epidemia!

Esse irmão, infelizmente, já foi, pra imensa tristeza da minha amiga.

Deize negava; "Não, você não!" Mas era. Eu, que ingeria quantidades de fibra suficientes para construir uma taba tupi-guarani, que bebia água de maneira a comprometer o abastecimento do planeta, que não tomava remédios alopáticos, que abençoava meu alimento todos os dias, que tinha uma vida saudável, que administrava estresses, mágoas, raivas, e todo tipo de emoções e afetos, que não cometia excessos... Eu mesma. Estava com essa famigerada doença.

Desliguei o telefone e fiquei horas catatônica.

Depois reagi – eu sempre reajo –, e como achei que fosse morrer, comecei a me despedir da minha casa; tão linda, tão recente, tão sofredamente adquirida, tão cheia de tudo o que eu queria. Cada enfeite, cada lustre, cada pedra havia sido escolhida, e agora, eu iria embora. Sim, porque na minha cabeça, o fato do Leonardo não ter me respondido significava fatalidade.

Consegui me despedir da casa. Triste, frustrada, compungida, mas tocada pela verdade.

Aí eu fui para o *closet*.

Nova jornada: despedir de tudo o que eu curtia, perfumes, os batons, os esmaltes (cada cor!!!), roupas, jóias (poucas, mas tão queridas).

Todo o processo foi bem doloroso, mas consegui finalizar.

Mas quando chegou a hora de me despedir das pessoas, foi impossível. Eu chorava muito. Me chacoalhava de tanto chorar, e ao mesmo tempo pensava que tais movimentos não seriam bons para meu intestino; era lá que ele estava.

Fui pra internet pesquisar. Jamais façam isso! Foi terrível! Lá eu li minha sentença de morte.

Liguei para pessoas, mandei *e-mails*, pois eu precisava de um bom médico, e como tenho alguns amigos na área, procurei por eles. Não encontrei nenhum. Ninguém pra me responder na velocidade que eu precisava.

Liguei pra irmã. Ela faz *reiki*, e lhe pedi que fizesse um pra eu encontrar um bom médico. Pensei mil vezes antes de lhe telefonar, mas eu estava fragilizada, precisando de amparo, ajuda, conselho, força, então capitulei. Fui cruel, eu sei. Há algumas horinhas atrás, eu havia me prometido que não contaria nada a ninguém; afinal eles sofreriam à toa. Depois que tudo estivesse bem encaminhado, eu então comunicaria. Não deu. Não segurei sozinha. Não aguentei.

Liguei pra outra amiga querida: Mili. Eu estava precisando no dia seguinte acordar e ir a algum médico de confiança, pra que eu pudesse fazer todas as perguntas que pipocavam na minha cabeça.

Mili me disse que perguntaria ao marido – que é cirurgião – e que quando ele retornasse pra casa, coisa que demoraria, ela então para não me acordar, me passaria por *e-mail*.

Fui “assistir” televisão. Consegui dormir. No sofá mesmo. De madrugada, fui ao computador e qual minha surpresa; o médico que minha amiga recomendara, estava na minha lista negra: era um dinheirista.

Ansiava o dia clarear pra eu poder resolver tal questão.

Clareou. Mandeí mais *e-mails* pra vários amigos, pedindo sugestão de proctologista com excelência. Não veio de ninguém. As pessoas, não estão no computador de acordo com as nossas necessidades ou urgências e nessa época não havia *WhatsApp*.

Aí eu lembrei que o Leo me indicara uma colega sua quando eu estava na fase de requisição para a colonoscopia. Sugestão que na ocasião eu não segui – fui em qualquer um do convênio, mas agora era providencial.

Ligaria para seu consultório no dia seguinte.

E passaria a noite ali comigo, com o resultado do exame, e com todos os fantasmas me rodeando.

Mas não foi uma noite terrível. Acho que algum anjo me ministrou um “boa noite Cinderela” porque eu dormi ali mesmo no sofá, novamente.

Dia seguinte chegado, liguei para o consultório da doutora, minha xará.

Claro que não havia horário.

Expliquei que meu diagnóstico demandava urgência, mas continuava sem horário. Começava a ficar desesperada quando lembrei...

Dei a carteirada: Sou amiga do Dr. Leonardo, diga pra ela.

Funcionou!

Lá fui eu a pé pela mais paulista das avenidas.

Eu a percorri corajosamente procurando não pensar, e dominar a mente que parecia dar saltos. Às vezes me percebia, percebia as lojas, as pessoas, e noutras mergulhava no vazio – um vácuo profundo, um buraco negro que me devorava, junto com tudo o que eu havia construído de futuro.

Lá chegando, já me percebi diferente do que eu era, cheguei com câncer. Pudera!

Sala de espera...

Tentando descortinar o que cada rosto daqueles escondia.

Será que havia alguém lá como eu?

Recepcionista simpática, tentava me deixar à vontade.

Nada nem ninguém naquele instante conseguiria.

Eu estava sentada sobre um câncer.

Que merda!

Miriam me chamou. Bem debochada também, graças a Deus!

Era alguém que, apesar da seriedade, não iria levar essa doença à sério!

Viu os exames e me perguntou: “Você sabe que é câncer, né?”

Respondi que sim.

Quis fazer a forte, ou não, talvez eu seja mesmo!

Aguntei o baque.

Aguntei o olhar.

Administrei a dor e perguntei: o que fazer?

Me examinou, e então eu soube porque os homens são resistentes a tal exame, o toque retal – é foda!

Imprimiu um monte de requisições e recomendou que queria os resultados pra ontem, pois “quero o tempo a nosso favor”.

E, na hora de sair: “Nada de sentir peninha de si mesma, hein!!”

Foi peremptória.

Amei.

Assertiva, comprometida, gentil sem ser piegas, e depois confirmou sua competência decantada pelo Leo.

Saí de seu consultório cheia de requisições e medos.

Dizer que o chão se abriu e que Hades me raptou pra servir à Perséfone é a descrição exata do que eu senti ao sair do consultório da proctologista.

Pra quem não conhece a linguagem dos mitos, o que estou querendo dizer é que me senti no inferno: derrotada, vencida, estupidamente esquecida por Deus, injustiçada, sozinha, principalmente sozinha.

E cultivando esses tenebrosos sentimentos – esqueci completamente a recomendação da médica (nada de coitadinha)...

Lavei a Av. Paulista com lágrimas de sal, desconsolo, insegurança e

medo. É como se eu, que até ontem fizesse parte desse grupo humano que anda apressado carregando seus laptops, celulares, Ipods, GPS, jornais, já não fizesse mais. Sou parte agora de um outro grupo, o grupo que será “poupado” disso tudo. Me sinto só. Extremamente. Absurdamente. Exageradamente. Só.

Tenho uma urgência: Falar! Vazar! Chorar!

Chorar junto com alguém. Mas quem???

Quem nessa avenida aceitaria chorar comigo?

Só chorar, sem perguntar ou me questionar?

Ligo pra irmã. Puta merda! Que estrago! Mas ela me alivia, me diz que eu não posso morrer, que ela precisa de mim. Que bom que liguei. Choro! Os óculos disfarçam um pouco. Nem sei se me olham, se me ouvem, se me percebem. Melhor assim. Não suportaria alguém me interpelando pra perguntar se eu precisava de alguma coisa.

Chorei, falei, xinguei, gritei, fiquei calma, fiquei puta! Como que alguém tão saudável como eu, que come grãos – minha despensa mais parece um celeiro – que come verdura e salada todos os dias.

Que há quinze anos não come açúcar refinado, que adora arroz integral, que abençoa seus alimentos, e pede licença aos irmãos bichinhos para comê-los.

Isso tudo antes de Avatar – o filme.

Como???

Quem iria me explicar?

Eu sei que nos últimos meses, por conta de um litígio com alguém com quem vivi mais de 30 anos, eu engoli ácido demais, caroços demais. Sei que ele e mais dois advogados me “puseram no cu”, mas não é justo! Não é justo que justamente eu sofra!!!

É demais. Até pra alguém como eu, que sempre procura ver o lado bom das coisas, é muita sacanagem!

A sensação de ter perdido um tesouro tão precioso e que eu achava tão meu, a saúde, me fragilizou demais. Parecia que nada do que eu fizera, resultara em bem. Essa sensação de não ter mais saúde foi arrasadora.

O maior dos tesouros estava nas minhas mãos e alguém levou embora...

Eu precisava tanto de mim, e não estava...

A amiga ligou; mais choro! Quanta dor! Ela me diz também que eu não posso morrer. Ela também precisa de mim.

E eu?

Eu também preciso de mim, mas onde estou?

Meu estado de prontidão desaparecera, dando lugar a uma enorme fragilidade e insegurança.

Como eu preciso de todos!!!

Quantos amigos queridos!

As irmãs...

Os filhos...

Meu Deus! Meus filhos vão sofrer muito.

O que eu faço?

Como é duro impingir sofrimento, mesmo que de modo involuntário, aos que amamos. Jamais tinha experimentado isso...

Não conto e os poupo?

Mas não posso fazer isso. Eu sei que eles não são fracos. Preciso contar. Preciso deles.

Vou caminhando em direção à minha casa. Achei melhor do que pegar um táxi, e ter que dar explicações. Passei pela livraria e comprei o livro que a médica me ordenara: Anticâncer. Passei também pelo laboratório pra já adiantar e fazer o agendamento dos exames: os do pré-operatório, e a ressonância, e ultrassonografia pra verificar se ele estava espalhado.

Puta merda!!!! Havia esse perigo...

Agendei.

E segui em direção à casa do filho. Mudei de idéia. Não seria bom ele me ver assim tão desamparada.

Fui até minha casa, depois ao consultório, eu tinha atendimentos pra fazer – sou psicóloga, e trabalhar, pra mim, sempre foi funcional, algo bom pra superar algo ruim.

Atendi duas pessoas, e depois fui no filho que é do lado do meu consultório.

A princípio ele não quis ouvir. Eu disse que ele tinha razão; eu nada diria. Comecei falar de outras coisas. Ele então disse: “Fala!”

Eu precisava ir ao tolete me recompor, orar, pedir ajuda à Grande Mãe, que com certeza nos daria força naquele instante. Deus!

Choramos muito! Muito e intensamente! Nos abraçamos como jamais havíamos feito. Com tamanha dor. Meu filho pediu pra eu não morrer. Eu já havia decidido por isso, quando entrei na livraria pra comprar o livro.

Eu não morreria. Tinha muita gente que me amava. Eu tenho um motivo pra viver.

“Bruno, eu vou fazer tudo direitinho. Tudo o que me mandarem eu faço. Eu te prometo que não vou morrer, filho”

Ele me pediu garantia da promessa, e me explicou que só tinha a mim. E que eu era a única pessoa pra ele brigar, que nem o Alfredo já não estava agüentando mais.

Falou-me: — “Mãe, você tem os florais, tem a macumba” — é o jeito brincalhão que me refiro aos trabalhos espirituais que frequento —, tem o Reiki da Miris. “E a médica, mãe, é boa?”

Contei-lhe todo o percurso até chegar a ela.

E contei-lhe também que o consultório dela é ao lado da obstetra que fizera meus dois partos.

Só pode ser sinal do Universo, concluímos.

Foi muito triste, mas ver meu filho forte desse jeito me deu forças.

Agora começa outra etapa. Quantas ainda haverá? Tomara que muitas!

As pessoas se aproximam... A princípio tímidas, perscrutando o que eu estou sentindo. E as reações são diversas. Cada qual se desembrolha, se expõe, se fragiliza junto, ou não.

Há os que confortam com o abraço, com o olhar.

Há os que buscam Deus, te prometem que não vai ser nada...

(Mas como?? Já está sendo!)

Há os que não suportam você se manter forte.

“Você está bem?”

“Tem certeza?” Você está bem mesmo?”

“Olhe, não precisa fingir pra mim”,

“Deixa de lado esse orgulho e se entregue à dor”

E como eu havia decidido continuar a ser eu mesma, e contar para

quem se apresentasse, sabia que isso ocorreria; teria que lidar com as pessoas.

Há aqueles que não suportam a idéia de não poderem ajudar, da maneira que querem: “Você foi ao médico que indiquei?”

“Como? É o melhor! Bom...Sei lá, né? Você é quem sabe...” já vaticinando um castigo por minha escolha errada.

Há os carinhosos que se atrevem a apenas uma pergunta; Você não vai morrer, né?

Há os que tentam esconder uma lágrima teimosa e insolente, que escapa e mancha a maquiagem.

Há os malvados: “Olha, eu só quero te prevenir, viu? Porque diagnóstico de câncer de intestino é difícil, então... já deve estar em estágio avançado. É bom sempre saber a verdade, você me entende, né?”

Entendo sim. É a fragilidade humana frente à fragilidade da vida.

Algumas chegam e dizem: “sempre te invejei, agora não mais.” Isso dói, em todos os sentidos.

Outros querem me mostrar a sua força: “Vou contigo comprar peruca quando precisar...”

Eu aqui do meu lado, estou achando que não precisarei...

Cada um ajuda como pode, como dá, como suas projeções permitem.

As pessoas nos amam, mas não como nós gostaríamos de ser amados. Há que se lidar com limites, em todos os níveis, porque há os que nos amam em desmedida; ligam todos os dias te oferecendo carinho, amor, vibração, aconchego.

Essa é a melhor parte da doença: os amigos verdadeiros. Tesouro!

Sinto que passo por um processo de transformação. Mas meu percurso é lento. Sempre foi. Agora preciso lidar com as questões materiais: mudança de hábitos alimentares, abandonar o único cigarro que fumo à noite, ou aqueles tantos que fumo junto com uma amiga. Por enquanto é isso. *Step by step*. Mas há os que querem que eu corra.

Certa vez, minha irmã disse de Deus o seguinte: “Ele mal vê a gente ensaiando uns passos, cola um número nas costas, e pronto; maratona!”

E alguns amigos se comportam assim. Eu sei que é na ânsia de ajudar, no desespero de perder, mas é *punk*... Mas há os outros...

É como se eu estivesse prestes a encarnar, e você já quisesse me

ensinar que aqui embaixo há ruas a atravessar, semáforos... me orientar quanto à melhor escola a frequentar... e eu só estou querendo encontrar uma mãe pra me receber.

Nessa hora estou precisando de acolhimento, carinho, aconchego.

As lições vou procurar depois.

Mas...

Mas tudo te faz forte, se queres sê-lo.

O que não mata, engorda, Nietzsche diria que o que não mata nos fortalece.

Sinto que é uma prova de fé. Não no sentido de que Deus me testa, mas no sentido de que Ele me mostra a fé que eu tinha e não tinha ciência de ter.

Não sei depois, mas agora, sinto que nada me abala.

Deus é bom! – É uma certeza.

Ontem no café no shopping com os amigos, encontramos uma pessoa que passava por algo semelhante, e que escolheu um tratamento diferente do que eu optei.

Conversando com a Dra. Miriam – a indicada por Leonardo –, senti segurança, firmeza, e escolhi o que ela tem pra me oferecer que creio seja a extirpação através da cirurgia, e eu prefiro assim. Já esse conhecido dos meus amigos, optou por outro método: administrar o câncer através de vacinas, medicina chinesa, colonoscopias constantes.

Eu prefiro resolver. Pra mim, é como se alguém me dissesse: “você tem um rato em casa, quer matá-lo?”

Imediatamente eu responderia que sim, mesmo que o matador de ratos me dissesse que alguns espelhos da minha casa seriam quebrados, que haveria uma desarrumação.

Prefiro isso a ter que viver com aparatos pra manter o rato afastado de mim.

Qual o método mais acertado? Não sei, só sei que esse não serve pra mim.

Mas de novo tive que convencer o tal amigo (um querido, diga-se de passagem, que só quer o meu bem) de que não é o meu jeito, o jeito do seu amigo...

O meu jeito!

Eu gosto do meu jeito. Mas já percebi que há muitas pessoas que não. E que vêm agora uma possibilidade de me modificar.

Eu sei que devem existir alguns padrões passíveis de modificação, mas só vou mexer neles quando eu vir quais são! Quais os que me trazem dor. Não me interessa modificar coisas em mim, que trazem desconforto às pessoas... Elas que administrem isso, não eu.

Bom, sigo lendo o livro, e me convenço de que essa doença é um equívoco. Será que ela não lê manuais? Será que esse câncer não sabe nada a meu respeito?

Que eu bebo muita água, que tomo uma taça de vinho tinto às refeições como se fosse religião, que como salada e legumes todos os dias, que não abuso da carne vermelha e como peixe duas vezes por semana. Que cozinho apenas com azeite, e pão branco só nos rituais com a irmã? Que sei lidar com minhas dificuldades, que tenho amigos, que saio, passeio, rio, me divirto?

Será que ele, como um soldado inimigo, um invasor, não respeita fronteiras? É um ataque?

Ontem em um café com amigos, numa mesa de 4 pessoas, estávamos eu e um outro com o mesmo diagnóstico, a outra pessoa vivia a hipótese de perder um irmão com isso, e a quarta pessoa, administrava o seu valentemente.

O que significa essa doença?

Quais são seus métodos?

É uma doença burra que não lê manuais. Pronto!

Li o livro; é ótimo e eu recomendo, da mesma forma que a médica me recomendou e que eu comprei, no pior instante da minha vida, mas a leitura não me elucidou em nada. É bom pra quem não pratica o que ele recomenda, mas eu, até meditação faço.

E agora a ansiedade de aguardar os resultados dos exames recentemente feitos, para avaliar a situação do câncer; seu grau de ocupação no meu corpo, índices disso e daquilo para a cirurgia.

É claro que hesitei ao abri-los, lá estaria minha sentença de morte ou minha alforria.

Graças a Deus, tudo bem. Os níveis que era bom estarem baixos, estavam baixos. Ótimo. Valeu minha dieta.

Mas falando em baixo, nesses altos e baixos: briga homérica com o filho que desesperado marcou consulta pra eu obter uma segunda opinião. Sempre defendi isso. Mas meu encontro com a médica foi tão decisivo, que não sinto mais necessidade de nada, mas para deixá-lo um pouco mais confortável lá fui eu.

Só esperava que de posse dos exames, eu não tivesse que ser examinada novamente.

Nesse percurso de fazer exames, a situação em que me encontro é de extrema exposição e fragilidade. “Entre nesse cubículo. Tire a roupa, coloque esse avental, com abertura pra frente”, “Entre nesse cubículo, tire a roupa, coloque esse avental, com abertura pra trás”, “Entre nesse cubículo, respire, pare a respiração, vire-se, vire de bruços agora, tire a roupa, coloque essa roupa, respire, venha por aqui, deite-se, fique nessa posição, agora fique naquela, avental com abertura pra frente, com abertura pra trás”, “Comeu? O quê?” “Tem piercing? Não??? Como não???”.

Eu não tenho piercing. Tenho uma pequena borboleta tatuada no pé esquerdo, e essa ousadia foi o máximo que me permiti. Piercings? Não! Mas a enfermeira insiste.

Terminado o exame, verificou-se que o piercing era da calcinha...

Mas parece que tal etapa chegou ao fim. Agradeço a Deus ter um plano de saúde que pertence a uma Fundação, e também à irmã o meu possível acesso a ele.

A conversa com o médico do filho foi boa. Ele confirmou tudo o que a Dra. Miriam me dissera. Me parecia um bom homem, e seu currículo também recomendável, mas minha escolha já estava feita. Etapa definitivamente encerrada

A próxima seria ligar para a médica

Pra ela, operar, tirar cânceres, abrir barrigas, me parece seja coisa corriqueira, mas é meu primeiro, derradeiro, último e único câncer. Pra mim, obter informações sobre como será, qual será o procedimento, é vital. Mas a médica ocupada não me responde! Que inferno!!! Preciso saber quando será a cirurgia;

“Como será o amanhã...responda quem puder, quem sabe é Deus O que irá me acontecer? O meu destino será o que Deus quiser”.

Eu sei a música, mas aplicá-la? Sabedoria que me falta. Aplicabilidade escassa.

E a médica não liga, não retorna... Mas os amigos presentes tentam suprir; explicam, argumentam, pacificam.

Ela retorna a ligação: “a cirurgia será na próxima terça” – as terças serão dias marcantes na minha vida... — Mas doutora, e o horário, e o hospit... Desligou. Maldade dela? Não. Negligência? De jeito nenhum. Soube depois que ela andava pesquisando o menor preço que eu pudesse pagar. Enfim...

Agora, mais tranquila, sei que a cirurgia será a tal dia, tal hora, tal hospital. Aparecem outros receios: anestesia, recuperação etc.

Preciso deixar muitas coisas prontas: contas a pagar, maletas pra levar para o hospital, agendar os meus pacientes etc.

Vou pra praia!

Me despedir do mar!

Sem tragédias, mas poderia, sim, morrer sem vê-lo mais.

E pensando nisso, descí a serra.

Chamei a amiga que morava no Guarujá, e fomos comemorar a vida.

Vinho e os derradeiros cigarros.

Eu estava leve. Numa estranha ausência.

Como se nada mais dependesse de mim.

Então?

Viver!

Viver meus últimos instantes na beira do mar.

Ana Carolina me visitou.

Bebemos vinho (a gente sempre bebe), fumamos (de vez em quando eu faço essa extravagância pra relaxar). Confesso que sob o olhar de reprovação de Ana Carolina que pensava assim: “Essa louca vai operar depois de amanhã, e está aqui fumando e bebendo!!!” Mas, nada que ela pudesse fazer a não ser compartilhar.

Conversamos, sem dramas. Muito pelo contrário, rimos até que bastante, porque sempre o fazemos. Por que não agora?

Ela se foi, e eu fiquei ali entre copos e cinzeiros, olhando ao longe os transatlânticos, e pensando na vida vivida.

Vivi o que tinha pra ser vivido, fiz um retrospecto e não havia na minha vida nada de assombroso.

A única viagem de navio eu odiei.

Algumas aventuras amorosas engraçadas, outras românticas, outras dolorosas. Muita risada. Muito choro. Muita gente!

Enfim, a vida que eu pude viver.

Só.

Deixei a praia, subi para a capital, pois na segunda-feira eu tinha pacientes pra atender que também estavam precisando de ajuda, e na terça a cirurgia.

Na segunda-feira à noite algumas pessoas queridas vieram me ver, e eu estava tão à vontade que queria fazer uma comidinha pra elas. Recusaram preempitoriamente, só aceitando uma frugal banana com canela.

Eu estava ótima. Me sentindo muito bem mesmo.

No dia seguinte, hospital!



Tudo acabou...

Morri.

Mas morri para o que eu fui ontem. Algo renasceu em mim.

A cirurgia foi excelente, a médica é excelente, o hospital idem, eu estava pronta.

Passar 3 dias na UTI não foi coisa fácil. Lá eu pensava assim: se eu chorar, e olha que eu tenho motivos, hein..., vai ficar tudo como está, e ainda as lágrimas... Então melhor não. Melhor encarar o dia a dia.

Pessoas vieram.

Graças a Deus, vieram.

Quando tinha amigos perto, tudo ficava mais fácil. Mas eles iam embora, havia os horários, os compromissos deles, enfim, e a minha dor, que era só minha, e que precisava ser enfrentada por sua dona.

Triste mesmo foi o banho.

Duas pessoas chegaram e me lavaram; uma delas era um.

Naquela hora eu pensei; “Não tem *lady* porra nenhuma!!!”

Tem essa realidade aqui. E que gente maravilhosa é essa, que me lava com tanta dignidade e carinho??

Resolvi sair da “coitada” e agradecer o banho.

Havia uma enfermeira que pensava que eu era a “Barbie UTI”, queria lavar meu cabelo, fazer escova – isso depois de perceber que eu tinha rímel; “A senhora foi pra cirurgia de rímel?” – “A senhora não é fraca, hein?!”

Mas eu não podia deixar. O cabelo tava um nó só. Eu tenho cabelo de bebê, fininho, fininho. Quando eu o lavo, depois de muito creme, demoro horas desembaraçando... Ela não teria esse tempo. Não! Melhor não! Melhor ele ficar sujo. Me tirou o rímel.

E isso foi cruel.

Fiquei ali só, sem rímel, sem companhia, ouvindo os gemidos alheios. Mas era o que eu tinha. Pouco pensava. Meditava! Meditei tanto que a pressão caiu: ficou 7 por 4. Pronto! A merda tava feita.

Me colocaram noradrenalina, coisa que não se interrompe, aprendi, de repente, e foi isso que me rendeu mais dias na UTI. Mas eu estava viva! A médica disse que tudo havia sido tirado. Mas tinha um dreno, tinha um desconforto de ter que ficar numa só posição. Por não ter dor, eu queria sair, andar, fazer coisas... Não podia. Quieta Miriam! Eu me ordenava.

Veio minha médica, e achou uma vergonha eu tomar banho na cama!!!!

“Sai daí, vai tomar banho no banheiro, mulher!”

“Você ta fazendo xixi na comadre??!?, não acredito!!!”

E me pôs pra fora da cama. E lá ia eu, toda aparelhada para o banho, para o xixi, para o cocô... E o medo de fazer cocô???

As boas notícias vinham devagar; não perdera o cu, não teria que carregar a bolsinha de bosta, e o melhor: poderia ir para a França.

Sim!!! Eu havia pago uma viagem para Provence que seria dali a poucos dias.

Sai da UTI.

Fui pro quarto! Que ótimo!

A irmã ficou comigo!

Quanta força! Quanto carinho! Quanto empenho!

E ela se julga “borrones” – que é o jeito que tem de se chamar de medrosa. Ali eu só vi coragem!

Podem ficar com inveja – ela é o máximo!!!!

Jamais poderei pagar, e também não quero pagar do mesmo jeito.

E ali diante de uma eu pensava também na outra, a quem eu não contara nada. Estou falando da outra irmã. Até tentei. Mas no dia em que fui à sua casa, ela me dizia da extrema felicidade que vivia pela experiência de ser vó!

Como eu podia estragar isso?

Numa outra vez telefonei pra contar e quem me contou alguns probleminhas foi ela. Decidi! Não vou falar nada, e vou arcar com as conseqüências. Ela é bem brava, e não gosta de ser poupada.

Dito e feito! Ficou brava quando soube...

No quarto era melhor, mas quarto de hospital não é quarto de hotel, por mais que tentem.

E olhando pela janela do quarto eu invejava as pessoas que passavam pela rua. Parecia que só passear pela rua era um tesouro, um sonho perdido.

Eu ansiava por ir ao banheiro sem carregar toda aquela parafernália junto (soro, curativo, eu estropiada...).

Eu me queria de volta, aquela que eu era sem desejos de perfeição, com todos os meus defeitos.

Onde ficara eu?

Pensava no que poderia ser pior do que ficar doente, e nada me vinha à idéia. Em tudo, eu creio, a gente pode dar um jeito, mas impotente numa cama, é o pior.

Você começa a pensar em fazer barganhas com Deus. Você troca tudo por saúde. Bem...quase tudo.

Falando nisso, um dos filhos passou uma noite comigo. Veio de Curitiba. Acho que ele pensou que eu fosse morrer, e queria estar junto.

Esse tempo todo, com todos os percalços, com todos os aborrecimentos, eu estava bem. Agradecida pela vida, pelas pessoas, pelo hospital, pela equipe médica, pelo privilégio.

Afinal tudo dera certo. E eu sem o equívoco. Não tenho medo de dizer ou escrever a palavra câncer. Mas do fundo do meu ser, eu acho mesmo que foi um equívoco. Houve um engano, e eu tropecei nele.

Saí numa segunda-feira do hospital.

Quase chegando em casa, o celular tocou; era a paciente que estava fragilizada pedindo uma sessão.

Eu estava bem. Qual o problema? Pensei, por que não? Só vou ficar sentada. E atendi. Só lhe pedi que fosse em minha casa. Saí do hospital e já comecei a trabalhar.

O filho de Curitiba voltou pra lá, afinal eu não morrera!!! O outro tem horror à doença!! Mas arranjou alguém pra cuidar de mim: a Diva – travesti maravilhosa que me cuidou com todo carinho.

É, essa foi uma outra experiência fantástica: uma *drag* pra cuidar de você. Pelo menos os assuntos eram interessantes, falávamos de produtos bom pra pele, cores de esmalte, ela me penteava, me deixava bonita, eu era praticamente sua Barbie recém operada.

Já imaginaram eu sendo tratada por uma enfermeira meiga, dessas que nos consolam “Ai, a senhora passou por tudo e sobreviveu!!! Que lição de vida!” ou “Vamos juntas agradecer a sua recuperação e a sua vida?”. Ou frases do tipo. Arghhhh.

Não que eu não tenha agradecido, mas preferia fazê-lo sozinha, eu e Deus, eu e a Vida, eu e mim.

Se Deus preferir os meigos eu estou ferrada. Ou não, afinal ele me devolveu, talvez por não me querer por perto.

Mas eu ali sendo cuidada, só pensava que precisava sarar rápido, afinal a viagem à França estava chegando...seria pra dali uns dias.

Ter um estímulo, uma motivação pra seguir em frente é realmente bem animador. Me deixei ser penetrada pela dor, pela tragédia, mas não podia estagnar no drama. A vida seguia seu curso.

E aprendi que ficar doente é péssimo. Que quando eu quiser carinho vou arrumar um namorado carinhoso, quando eu quiser descansar, vou pra praia, pra rede, pra cama, pro sofá, menos pro hospital. Sim, porque nessas horas é bom deixar o subconsciente bem esperto pra que ele não nos arrume nenhuma trapalhada.

Aprendidas algumas lições – e a principal é que nada é para sempre, que tudo passa, que não temos lá muito controle de nada – lá fui eu: França! Provence! Alez!!!!

Menos de um mês de operada, eu embarcava para a França.

Me sentia um pouco fraca, mas tomava florais o tempo todo. Che-

guei a tomar 7 vidrinhos de *Rescue* no pré e no pós operatório, na viagem, no avião, nos caminhos a percorrer.

Florais de Bach são maravilhosos. Recomendando!

Aproveitei tudo!!!!

Muita ajuda de novo.

Quanta gente boa no mundo!!!!

Não deixei a “coitadinha” ir na bagagem, tão pouco a “heroína” que é seu contraponto. Viajei com minha força e fragilidade, e com a certeza de que Deus me presenteara. A irmã brava disse que era viagem de formatura. Que eu tinha passado no curso e que o Pai me presenteara com a viagem de formatura. Ela acertou!

Tudo foi maravilhoso!!!!

Aprendizado fabuloso, jantares nababescos, lugares inenarráveis, companhia fantástica, e nos vãos... nenhuma turbulênciazinha.

Aprendi muito!

Sobre lavanda, sobre óleos essenciais, sobre gente, sobre comportamento humano, sobre mim mesma...

Num dos jantares, depois de ouvir comentários bondosos sobre meu livro “A sombra não Assombra” que todos no grupo conheciam, ou pelo menos foi o que disseram, eu comentei sobre o livro que eu tinha em mente escrever: O livro do cu.

À princípio todo mundo riu, mas diante dos meus argumentos, concordaram de que era um livro necessário, e é este que vocês estão lendo agora.

Por que resolvi escrever sobre o cu?

Porque não tenho crachás. Não pertencço a nada. Ninguém me rege, só a Vida. E se é possível escrever sobre neurônios, sobre pele, sobre cabelo, cabeça, mãos... Por que sobre cu, não?

Pode sim.

O cu é muito importante.

Quase perdi o meu.

Já pensou?

Pense, então.

Como seria uma vida, sem cu?

Não haveria qualidade nela, com certeza, ou ter-se-ia que buscar essa qualidade de vida no dia a dia, na marra, agarrando a vida pelos chifres.

Cu é importante.

Cu é a possibilidade da intimidade mais íntima que existe.

E contraditoriamente é constrangedor falar dele, por isso eu me arisquei.

Se perder uma perna é uma tragédia, perder o cu é muito pior, mas ninguém nunca para pra pensar nisso.

Então esse livro tem essa tarefa, a de trazer o cu à tona. Torná-lo mais presente, para que dessa forma possa se cuidar mais dele.

Falar sobre o tema, tem sido muito divertido.

A princípio só eu me divirto, mas como sou uma pessoa descontraída, logo depois que se quebra o gelo, vêm histórias muito interessantes, e referências ao cu, como por exemplo as que vou colocando aqui no livro.

POEMAS DEDICADOS AO CU





Alguém me mostrou essa poesia que o Falcão fez, chamada Cume:

*No alto daquele Cume
Plantei uma roseira
O vento no Cume bate
A rosa no Cume cheira
Quando vem a chuva fina
Salpicos no Cume caem
Formigas no Cume entram
Abelhas do Cume saem
Quando cai a Chuva grossa
A água do Cume desce
O barro do Cume escorre
o mato no Cume cresce
Então quando cessa a chuva
No Cume volta a alegria
Pois torna a brilhar de novo
O sol que no Cume ardia*

Talvez seja engraçado, não poético, mas a vida é engraçada. Você já prestou atenção aos bichos?

A minhoca por exemplo. Elefante, girafa, zebra,...

As caras dos cachorros.

Gente é muito engraçada.

Bem que o Chico avisou que Deus é um cara gozador, adora brincadeira.

Há uma tribo, não sei qual, nem onde, só sei que é de índios americanos, e quem fala disso é Campbell, para quem Deus é representado como um palhaço. Faz sentido, pois a vida é engraçada, tem graça, e seriedade é para alguns momentos, não é pra vida toda.

E ainda bem que estou em boa companhia nessa questão de graça, de cu etc.

Drummond também achou a bunda engraçada;

*A bunda, que engraçada.
Está sempre sorrindo, nunca é trágica.*

*Não lhe importa o que vai
pela frente do corpo. A bunda basta-se.
Existe algo mais? Talvez os seios.
Ora – murmura a bunda – esses garotos
ainda lhes falta muito que estudar.*

*A bunda são duas luas gêmeas
em rotundo meneio. Anda por si
na cadência mimosa, no milagre
de ser duas em uma, plenamente.*

*A bunda se diverte
por conta própria. E ama.
Na cama agita-se. Montanhas
avolumam-se, descem. Ondas batendo
numa praia infinita.*

*Lá vai sorrindo a bunda. Vai feliz
na carícia de ser e balançar.
Esferas harmoniosas sobre o caos.*

*A bunda é a bunda,
rebunda.*

Mas Adélia Prado conseguiu poetizá-lo, e escreveu um poema sobre ele, o cu:

Objeto de Amar

*De tal ordem é e tão precioso
o que devo dizer-lhes
que não posso guardá-lo
sem que me oprima a sensação de um roubo:
cu é lindo!*

*Fazei o que puderdes com esta dádiva.
Quanto a mim dou graças
pelo que agora sei
e, mais que perdôo, eu amo.*

Há o soneto do “Olho do cu” de Rimbaud e Paul Verlaine:

*Obscuro e preguiçoso cravo violeta
Respira, humildemente no meio da espuma
Inda úmida de amor que em doce encosta ruma
Da brancura da bunda à beirada da meta.
Filamentos tais como lágrimas de leite
Choraram, sob o vento cruel que os repele,
Através de coágulos de barro em pele,
P’ra se perder depois onde a encosta os deite.
Mi’a boca se ajustou muita vez à ventosa
Minh’alma, do coito material invejosa,
Fez ali lacrimal e de soluços ninho.
Azeitona em desmaio e taça carinhosa
O tubo onde desce celeste noz gostosa
Canaã feminino em suor muradinho!*

A HIGIENE DO CU





Além da poesia, é necessário pensar na higiene do cu. Está na internet, no *Youtube*, um pastor que também é médico que faz uma preleção sobre a importância da higiene do cu. Ele adverte a seus fiéis sobre a necessidade de lavarem pratos, talheres, mãos, objetos, legumes, de tomarem banho diariamente.

Adverte e compara;

“Se por acaso”, pergunta a alguém ali presente, “ao cuidar de seu jardim, você sem querer suja as mãos com bosta, o que faz?”. Ao que a pessoa responde que obviamente lavaria as mãos. O pastor então pergunta, se a pessoa lavaria simplesmente, com água, apenas? E o fiel responde que usaria, sabão, bucha, e esfregaria bastante.

Ele aponta para outro fiel, e sugere: “e você, ao cuidar de sua horta, descalço, pisasse na merda, o que faria? Limparia com um papel?” O fiel peremptoriamente nega, e diz que também esfregaria com água abundante, sabão e bucha.

E considera; “e se fosse o joelho?” – as mesmas respostas.

Conclui o médico-pastor;

— Por que a mão você lava, o pé você lava, o joelho você lava, e o cu você limpa? Tem raiva do cu? Não gosta do cu? O que vocês tem contra o cu?

E, pedagogicamente, coloca o cu no *Power point* pra que todos vejam e comparem; a mão é lisa, o pé é liso, o joelho idem, mas o cu, esclarece é cheio de pregas e se impregna com a bosta, precisa ser lavado, pra extinguir a catinga de cu, que é algo difícil de ser extinta.

Limpar não adianta, minha gente, precisamos lavar o cu, com esguichinho. É gostoso, e você pode fazer sozinho, não precisa pedir ajuda.

Achei fantástico. Alguém ensinando a lavar o cu.

Você pode encontra-lo no *Youtube*.

Semprei coloquei bidês nos meus banheiros, justamente pensando nisso. Mais tarde com o surgimento dessas mangueirinhas maravilhosas, os troquei por elas, sem perda, creio eu. E coloco mangueirinhas

em todos os banheiros da casa, até no lavabo porque visitas eventualmente podem fazer uso, porque visitas também têm cu.

Tenho certeza que farei muita gente que passava só um papelzinho, pensar mais à respeito de uma verdadeira higiene nesse nosso caro amigo.

Cuidado com o cu é fundamental para uma saúde perfeita.

O CU DO VERÍSSIMO





ejam a pungente narrativa que nos faz Luiz Fernando Veríssimo:

“Hemorroidas... Ardem!!!”

Ptolomeu em 150 d.C. falava que a terra era o centro do universo, e que tudo girava em torno dela. Foram precisos cerca de 1400 anos para esta teoria ser rebatida por Nicolau Copérnico provando para a humanidade que o Sol, sim, era o centro.

Eu, simplesmente eu, descobri em apenas três dias, após 56 anos, que ambos estavam redondamente enganados: o centro do universo é o cu. Isso mesmo, o cu!

“Operei das hemorroidas em caráter de urgência algumas semanas atrás. No domingo à noite, o que achava que seria um singelo peidinho, quase me virou do avesso.

É difícil, mas vamos ver se reverte, falou meu médico. Reverteu merda nenhuma, era mais fácil o Lula aceitar que sabia do mensalão do que aquela lazarenta bolinha (?) dar o toque de recolher.

Foram quase 2 horas de cirurgia e confesso que não senti nada de nada, nem se me enrabaram durante minha letargia!

Dois dias de hospital, passei bem, embora tenham tentado me afogar com tanto soro que me aplicaram – foram litros e litros; recebi alta e fui repousar em casa.

Passados os efeitos anestésicos e analgésicos, vem a primeira vez: PUTA QUI PARIU!!! Parece que você ta cagando um croquete de figo da Índia, casca de abacaxi, concha de ostra e arame farpado. É um auto-flagelo.

Por uns três dias dói tanto que você não imagina uma coisinha tão pequena e com um nome tão reduzido (cu) possa doer tanto. O tamanho da dor não é proporcional ao tamanho do nome, neste caso, cu deveria chamar dobrovosky, tegulcigalpa, nabucodonosor.

Passam pela cabeça soluções mágicas:

*Usar um ventilador! Só se for daqueles túneis aerodinâmicos.
Gelo! Só se eu escorregar pelado por uma encosta do Monte Everest.*

Esguichinho d'água! Tem que ser igual a da Praça da Matriz, névoa seguida de jatos intercalados.

Descobri também que somos descendentes diretos do bugio, porque você fica andando como macaco e com o cú vermelho; qualquer tosse, movimento inesperado, virada mais brusca o cu dói, e como!

Para melhorar as idas à privada, recomenda-se uma dieta na base de fibras, e foi o que fiz: comi cinco vassouras piaçaba, um tapete de sisal e sete metros de corda. Agora sei o sentido daquela frase: quem tem medo de cagar não come!

Tudo valeu, e agora já estou bem, cagando como manda o figurino. Não preciso pensar para peidar; o cu ficou afinado em ré menor, uma beleza!

A foda é que usei Modess por 20 dias após a cirurgia e hoje to sentindo falta dele!”

Quem achar graça eu vou pinchar uma praga;

“Que as pulgas de mil camelos infestem o cu daquele que estragar seu dia e que os braços sejam curtos para coçar”.

HISTÓRIAS DO CU





Pois é, tudo que se refere ao cu fica engraçado, ou constrangedor, nunca pungente.

Uma outra história que por conta do tema não vou dizer o nome de quem me contou, surgiu depois da célebre pergunta: “Mi! Qual o tema do próximo livro?”

E quando eu simplesmente respondo: Cu! Primeiro a pessoa acha que ouviu errado, depois acha que estou brincando, mas a essa altura da conversa, já está vermelha como um tomate.

Aí vêm as histórias que ficariam escondidas não fosse esse livro, como essa em que a minha recém apresentada me diz que foi com mais três amigas conhecer a Chapada Diamantina, e que ao lá chegarem, uma das amigas, ao escorregar pelas cachoeiras, ficou com o cu ralado; a outra, logo em seguida, teve um probleminha que para resolver teve que colocar um supositório; e a outra teve uma cagarocha que lhe deixou o cu assado.

Na volta, elas entre risos comentaram que todas tinham tomado no cu, menos a Carina – vou assim chamá-la pra ficar mais real, ao que as três lhe gritaram em coro: Carina! Vá tomar no cu!

Pois é, uma historinha que ficaria secreta não fosse esse livro.

Uma outra história, quase milagre, é de uma prima que sofreu de hemorroidas por 30 anos, desde um parto.

Cuidou de tal patologia de todas as maneiras indicadas, científicas e não. E nada.

Até que piorou, pois começaram dores internas a que seguiram sangramentos, e como sua avó morrera de câncer no intestino, o desconforto que se transformou em dor, e junto medo, agora somava pavor.

O médico dessa vez lhe disse que uma cirurgia seria necessária, coisa que de pronto ela acatou.

Mas, a cirurgia não resolveu e ao voltar ao médico, este lhe comunicou a necessidade de uma nova, visto que se formou uma fibrose.

Ela se prontificou novamente, mas o médico não. Ele que já havia

errado, errou mais uma vez, e por isso foi denunciado ao CRM. Enquanto isso, a prima consultava agora o melhor proctologista do Paraná – somos de lá.

Seu cu havia fechado.

Não completamente, sobrava um buraquinho muito pequeno por onde toda obra tinha que passar.

A prima passou a praticamente morar no banheiro, pois saía como uma chapinha bem fininha, e claro que demorava demais.

O médico fez parte da cirurgia, esperando ela recuperar-se, para então finalizar.

Mas ela já estava cansada, sofrida, esgotada, exaurida, desalentada e sem cu.

Disse ao médico que iria desistir, e ele compreensivamente marcou a cirurgia para um mês depois, dando-lhe um tempo pra se recuperar (sem trocadilhos).

Marli orou. Há quem não creia...

E como a cirurgia seria pelo SUS, que é um cu, foi marcada para dali a 4 meses.

E o milagre aconteceu!

O médico espantado disse que nunca tinha visto tal coisa: ela recuperara o cu.

O cu sarou completamente.

O médico usa o caso de Marli para suas aulas na Universidade e com isso o cu da prima entrou para a Academia.

Passaram-se os anos e o cu da prima cumpre direitinho suas funções, graças a Deus.

DOENÇAS DO CU





qui estão algumas:

⊕ HEMORROIDA

O cu tem muitas doenças, e a hemorroida é uma delas. Caracterizada por dilatação varicosa dos plexos hemorroidários, que por sua vez são estruturas que existem no interior do cu e na borda dele, cuja função é colaborar na continência do canal anal.

Sua causa física é atribuída a uma dieta pobre em fibras e um histórico familiar.

O aumento da tensão durante movimentos intestinais causadas por diarreia ou obstipação pode também levar a hemorroidas.

Retenção de líquido pode ser outra causa.

Hipertensão arterial também pode causar hemorroidas.

Obesidade pode ser um fator de aumento da pressão na veia retal.

Vida sedentária (ficar sentado em cima do cu o dia todo, não há cu que aguente).

Gravidez pode levar à hipertensão arterial e aumento da pressão durante movimentos intestinais, então hemorroidas são também frequentemente associados à gravidez.

O tabagismo durante movimentos intestinais, podem agravar as hemorroidas podendo levar a uma grave hemorragia interna das veias na região retal.

O consumo excessivo de álcool ou cafeína pode causar hemorroidas.

Ambos podem causar diarreia. Note-se que a cafeína aumenta a pressão arterial temporariamente, mas não acredita-se provocar hipertensão arterial crônica. O álcool também pode causar doença hepática alcoólica levando a hipertensão e hemorroida.

⊕ FISSURA

Há ainda as fissuras que trazem dor e sangramento e podem até latejar.

⊕ CONDILOMA

Verrugas no cu – e não são nada inofensivas.

Antes do diagnóstico de câncer que tive, elas estavam presentes, mas a médica as tratou com leviandade: cauterizou e pronto.

Nem pediu exame, nem nada.

⊕ FÍSTULAS

São inflamações que provocam secreção e odor desagradável. O prurido anal, ou simplesmente coceira no cu, é mais um sintoma do que uma doença e que requer pesquisa.

⊕ CISTOS PILONIDAISSIS, e tantas outras que não me compete descrever e prescrever tratamentos pois esse não é um livro de medicina e eu não quero tratar levemente o cu.

Na internet há muitas fotos, muitas explicações que eu não pretendo trazer pra cá em virtude do livro virar um glossário do cu.

Pesquem as causas, e principalmente as causas psicossomáticas que são muito importantes para que se debele radicalmente qualquer doença.

Mas as causas psicossomáticas são determinantes.

Quase todas as doenças do cu tem a ver com o modo que demos em nos desligar das coisas, situações, pessoas, processos.

Tem a ver com o nosso expelir. Com o processo de excreção tão próprio do cu.

Doença é um processo desagradável, pra dizer o mínimo, que além de desconforto nos trazem dor, mas as doenças do cu, além disso, nos trazem constrangimento.

O CU NO DIVÃ





Acontece uma coisa muito curiosa conosco, humanos. Se você me conta que sua filha transou pela primeira vez, isso pode ser lindo, poético, romântico até. Agora, se você contar que seu filho gay transou pela primeira vez, o outro já imagina a transa. Por quê? Por que ninguém imagina (ou pelo menos poucos o fazem), pessoas transando, mas... caso se trate de gays, de qualquer dos gêneros, pronto, a imaginação é ativada.

Em relação às doenças, é similar: se eu digo que estou com dor de estômago, ninguém imagina esse meu órgão, cabeça? Braço? Dedão do pé? Queixo que convenhamos é bem esquisito, ninguém imagina, mas basta dizer que se está com hemorroida e o cu salta na imaginação do ouvinte. Vá explicar...

E como se não bastasse toda essa humilhação, ainda há toda a dor.

A minha visão sobre a hemorroida é derivada do estudo da psicossomática e da psicologia, onde se percebe a doença como um sintoma, ou seja consequência e não causa.

E o que causaria tal sintoma?

Medo de fazer cagadas?

Medo de não dar conta de metas e prazos.

O perfeccionismo nos traz muitas doenças e, entre tantas, as constrangedoras hemorroidas.

O medo de fazer “merda” faz com que nos seguremos, nos constranjam, que nos esforcemos além de nossos limites, e como resultado; o sintoma.

Já o Gasparetto, em seu livro *Metafísica da Saúde*, escrito em conjunto com Valcapelli, diz que a doença hemorroidária “tem uma relação intrínseca com todo o ato de doação de alguém a alguma situação, ou mesmo a outra pessoa que se tenha dado de forma bastante intensa no passado.” E eles exemplificam com rompimentos de relacionamentos em função de traição de maneira inesperada, onde tenha havido frustração, antes que se tenha desfrutado do bem idealizado em termos de prazer e realização pessoal gerando uma dor que não é esquecida.

“Experiências como essas, que levam a eternos arrependimentos por erros cometidos ao se dedicar inteiramente a uma causa, um projeto ou a uma relação que levaram a um conseqüente abandono de tudo e de todos que nos cercavam, dão lugar a uma enorme e angustiante frieza ao se lidar com as emoções, pela dor causada no passado.”

Em suma, é o armazenamento de emoções, sentimentos, experiências negativas que por força da natureza, já deveriam ter sido expelidas naturalmente.

Outra emoção que causa mal ao cu é o medo.

O famoso ditado *Quem tem cu, tem medo* pode ser invertido, pois o excesso de medo pode fazer perder o cu.

“O medo é a triste história de algo virtuoso que se perverte.”

No início, o medo é a virtude que protege corpo, mente e emoção daquilo que eventualmente significaria destruição.

Com o tempo, e pela crescente sofisticação de raciocínios e conexões emocionais que nossa humanidade é capaz de fazer, o medo vai se transformando num complexo esquema de antecipações abstratas, poucas vezes verificadas na prática, o tipo de previsões que nunca se concretizam. Ou seja, a gente complica.

Porém, como o medo é o medo, essas antecipações funcionam eficientemente da mesma forma, paralisando os movimentos e limitando severamente o processo de crescimento.

“Alguns são derrubados pelo medo, outros alimentam violência com o mesmo medo, para todos o medo poderia ser dispensável a maior parte do tempo.” (Quiroga)

Medo, controle excessivo, pressão e perfeccionismo fazem mal ao cu.

E se todas essas emoções, controles excessivos, e contrações lhe fazem mal, o que lhe faz bem é o que faz bem à alma, ou seja, a descontração, a espontaneidade, a leveza.

FINAL FELIZ





om, curei-me do câncer, mas por conta do esforço na viagem, consegui uma hernia que me levou novamente ao hospital para uma nova cirurgia.

Putz!!! Foi péssimo. Foi péssimo, mas foi rápido, e se foi esse o preço da viagem, eu pagaria novamente, porque tudo valeu à pena.

E agora o que resta são os exames periódicos, que são chatos à beça. Eu que me recusara a fazer um por ser invasivo demais, agora tinha que fazer a cada 6 meses.

Tudo é muito chato: a preparação que começa uma semana antes com uma restrição de fibras na alimentação (eu fico sem saber o que comer. Lembra? Eu sou aquela das fibras...), tomando diarréicos, muito líquido, e na véspera um quase nada de comida, o que também nos restringe os movimentos. Esqueça academia, jantares, e no meu caso até namoro.

No dia do exame propriamente dito, a gente tem que tomar um suco de pau, que é um horror; provoca um pouco de enjôo e muito desconforto e além dessas restrições físicas, precisamos contar também com a boa vontade de um acompanhante, coisa que hoje em dia não se encontra em abundância em vista de todos estarem muito ocupados consigo e seus afazeres.

Tirar alguém de sua rotina, não é algo muito agradável de se propor a ninguém. Mas eu sempre tive gente que se disponibilizou antes que eu pedisse. E gente de qualidade com quem eu tive conversas edificantes apesar do cenário árido.

E não reclamo do exame não. Aqui é só a constatação de que ele é chato. E caro! Mas, dou graças a Deus que ele existe. Bendigo a tecnologia que me salvou e os exames pelos quais o acompanhamento pode ser feito. Procuro não me queixar.

Uma vez, ouvi o Tom Zé dizendo em uma entrevista que queixa é o troféu do fracassado. Não quero esse troféu. Aliás não quero nenhum troféu. Acho um horror quando ouço que alguém lutou com um câncer por tantos anos... Acho péssima essa colocação. Eu detesto lutas. Eu

não lutei contra nada. Só aceitei o momento e fui vivendo o que a vida me trazia

O que eu vivi não foi agradável, mas foi proveitoso, foi útil.

Me aproximou mais de Deus, da vida, das pessoas.

Hoje morrer não me assusta – não que me assustasse antes – por que agora, com a experiência vivida, ficou claro que morrer não mata ninguém.

SEGUNDA PARTE

Esse livro tem uma segunda parte, dedicada ao humor.

É um pouco escatológico, então se você tem pudores, interrompa sua leitura por aqui, terá o ganho de não precisar viver uma experiência desagradável, pois a viveu através da minha.

Eu precisava escrever essa segunda parte, pra me livrar de uma parte minha meio sérinha, porque hoje sei que nada é tão sério assim...

O PEIDO



A função desse capítulo é mostrar que apesar de nosso corpo fazer tantos barulhos diferentes: bater palmas, bater os pés, espirrar, gemer, suspirar, chorar, gargalhar, roncar, tossir, assoprar, coçar, bocejar, fazer xixi, estalar os dedos, etc... O único barulho censurado é do pum.

Esses barulhos que nossos corpos fazem precisam ser tratados com naturalidade, e tentar comover as pessoas para que elas(nós) se sensibilizem que é um fato cotidiano, corriqueiro (segundo pesquisei, todo ser humano, peida entre 11 a 14 vezes por dia). Esclarecer que tudo o que nossos corpos produzem também são processos naturais pra que nossas “máquinas” sejam lubrificadas, desintoxicadas, limpas enfim de tudo o que possa lhes provocar danos.

Quero falar desse sujeito em nossas vidas, sim, companheiro leitor, nossas, porque não estou sozinha nessa aventura humana, não.

O peido e tudo o mais que compõe nossa natureza; aprendemos a enxergar como vergonhoso, pela educação que tivemos, e não como natural.

Cagar, mijar, arrotar, peidar, espirrar, chorar, tossir são todas ações de nossa natureza. Só. Simples assim. Claro que precisamos lidar com isso. Os bichos lidam, todos procuram seu lugar de fazer suas necessidades, aliás, e olha o nome que demos: necessidades. Perfeito! São nossas necessidades e como tais precisam ser tratadas. O que não signifique que posso fazê-las em qualquer lugar, incluindo peidar.

Só que esse infeliz resolve se manifestar em ocasiões especiais, e aí vem o constrangimento que, dependendo de como esteja nossa auto estima, pode nos derrubar.

Quando ele surge do nada no consultório querendo fazer parte da terapia, ou na conversa com amigos, querendo se intrometer, na loja querendo junto contigo dizer à atendente que não gostou da mercadoria. Mas o pior, o pior mesmo, é quando ele comparece na transa.

Aí é uma merda!

E aconteceu comigo.

É. Aconteceu.

E o pior, não foi uma única vez.

Sorte minha que tinha um Príncipe do lado que agiu de forma nobre, nem ignorando, nem exacerbando o fato, mas falando dele com naturalidade.

Mas eu não estava natural.

Fui casada por 26 anos, e nem meus filhos, nem meu marido, nem as empregadas nunca ouviram um peido meu. Eu controlava, e todas as vezes que surgiam, eu ia ao banheiro, coisa que o então marido achava um absurdo de frescura.

É. Há ex-maridos, que não valem os peidos que você segurou.

Mas eu não estava satisfeita com os meus, vamos chamar, processos naturais.

Mas a vida... que está sempre nos exigindo aprendizado, me trouxe esse novo; lidar com meu corpo, minha natureza, meus barulhos.

É, esse é o livro do cu, e o cu tem lá sua idiosincrasia, e uma das características do cu, é o peido. Teremos que lidar com eles; o cu, o peido, e seus produtos.

Eu ia chamar de pum, mas achei melhor nomear corretamente (seria peido o correto?), para me abster de eufemismos.

E já que a civilização acabou com a espontaneidade e naturalidade do peido, quero aqui resgatar ao menos um espaço de dignidade a ele, ao cu e a tudo o que foi proscrito por fazer parte de nossa parte de baixo.

O PEIDO NA HISTÓRIA



Pierre-Thomas-Nicolas Hurtaut escreveu em 1751 um ensaio divertido, “A arte de peidar”, e ler a tradução desse ensaio me encorajou a escrever sobre o peido.

Confesso que não estava muito à vontade, mas depois que encaramos um assunto sem o viés da moralidade, simplesmente como um assunto comum, esse pejo, essa vergonha nos abandona e o que sobra é apenas uma narrativa como outra qualquer.

Seguindo os esclarecimentos que Hurtaut nos traz em seu livro, as definições de peido variam: para os latinos, crepitus ventris. Para o sãõ antigo, purten ou furten; o alto-alemão, Fartzen; para o inglês, fart, e por aí vai.

O peido é composto de ventosidades (qualquer ar que se embarrica no corpo e que depois de comprimido, dali escapa) que saem ora com barulho, ora em surdina e com tranquilidade. E um vento condicionado no baixo-ventre, causado, como asseveram os médicos, pelo transbordamento de uma pituíta amornada que um pequeno calor atenuou e deslocou sem contudo dissolvê-la.

Para o autor de *A Arte de Peidar*, o peido é uma possibilidade de saúde, e cita um provérbio francês que diz que para viver sadio e por muito tempo, deve-se dar à bunda vento.

Diz Hurtaut que o peido é um deleite requerido pela natureza do corpo para ter saúde.

Essas “ventosidades que nos percorrem” (ficou bonito isso – vou usar a partir de agora) são mal vistas por conta de saírem pelo cu, por serem seu sussurro. Já o arroteo que é formado com base na mesma matéria, mas no estômago, escapa por cima.

Continua o autor que não se deve tirar conclusões mais desfavoráveis sobre um do que o outro; são ventosidades, saindo por cima ou por baixo, e há paridade entre os dois, não havendo razões para ter sobre isso nenhum escrúpulo.

Hurttaut classifica essas ventosidades em:

- peido de pedreiro
- peidinho
- peido de per se (ocorre sem a anuência de quem o solta)
- bufas
- peido de velha (ué, velho não?!)
- peido fracassado
- peido doméstico

E por aí vai, e como esse é o livro do cu e não do peido, quem quiser se especializar no assunto, leia Hurtaut.

Eu sei que as pessoas sofrem quando ele chega sem avisar. Muitas me contaram que perdem a concentração tentando administrá-lo; outros, sem rumo, nunca mais voltam ao lugar onde o peido surgiu, ou deixam de se encontrar com a pessoa que testemunhou tal barulho. Enfim, tratamos tantas outras questões de somenos importância que causam males menores, e a questão do peido fica em aberto.

Algumas pessoas tomam medicamentos para tentar resolver tal questão, meu médico, que depois de rir bastante, também me recomendou, dizendo que esse medicamento explode o peido antes que ele queira sair.

Quando converso com as pessoas sobre esse assunto, sinto que elas relaxam e que se sentem menos derrotadas por ele, e o assunto fica tão natural, como precisa ser, que até as risadas cessam, e os causos vem.

HUMOR E CU





Depois de uma dessas conversas um amigo me enviou um pedido que encontrou na Web:

Preciso urgentemente parar de peidar. Me ajudem!

Já fiz uma pergunta aqui e não consegui resolver o problema.

Acontece que estou peidando sem parar, não estou aguentando mais de tanto peido. Acho que nas duas últimas semanas, eu peidei por toda uma vida.

Eu acho que é porque passei a almoçar em um outro restaurante, depois disso começou a peidação.

Sem bricadeira, de cada dez passos que dou, um peido é expelido.

Quinta feira passada, na fila do banco, dei um peido, tive que despistar e ir pro final da fila, alguns minutos depois, outro peido e eu voltando pro fim da fila, pra despistar, novamente um novo peido e eu novamente no fim da fila. Foi terrível. Só consegui pagar a conta depois que o banco fechou e de ter dado uma coleção de peidos.

Depois peguei um taxi. Logo que entrei, peidei. Tive que parar na próxima esquina.

Essa noite acordei com meu peido bem sonoro, parecia que tinha sido amplificado.

Hoje fui em um Pai de Santo, minha última esperança. Mas o sujeito me disse que afinal de contas, peido foi feito pra peidar.

Já contei pra um colega e ele disse que o pessoal do serviço já está começando a desconfiar.

Não quero que me chamem de peidorreiro, eu quero é parar de peidar.

Pode parecer engraçado, mas tentem trocar peidar por um outro verbo (sangrar, sofrer, chorar, pedir...ou um outro qualquer que sua imaginação sugira).

Aqui termina (termina?) a triste engraçada história desse anônimo.

FRASES SOBRE O PEIDO

- O amor é como um peido: se você tem que forçá-lo, provavelmente vira merda.
- Peidar é bom, mas cagar é sensacional.
- Peide ao lado de um fumante. Cheiro ruim por cheiro ruim, compare o que não faz mal à saúde.
- E aquele momento em que você peida, mas não tem nenhum cachorro por perto pra por a culpa?
- Não se preocupe enquanto o meu peido fizer barulho, se preocupe quando ele se silenciar.
- Nossa, amor, você peidou em minha frente? Desculpe, eu não sabia que era a sua vez.
- Meu Deus! Esse cheiro saiu de dentro de mim?
- Sacanagem é você ficar prendendo o peido por uma hora, mas de repente você dá um espiro e o desgraçado foge junto.
- Seria legal se as pessoas peidassem gás hélio. Além de não ter cheiro, faria todos ao seu lado falarem com uma voz engraçada.
- Quem nunca peidou e colocou a mão no fundo das calças com aquele medo, que atire a primeira pedra.
- Aceitar o peido do outro é prova de amor incontestável
- O cu é meu, a casa é minha, eu peido mesmo!
- Era tão distraído que peidava, sentia o cheiro e ainda perguntava: “Quem foi?”
- Eu sou muito educado. Peido e arrotos, mas depois peço desculpas.
- Malandro é o peido, que mora na bunda, não paga aluguel e ainda sai assoviando.
- Acabei de peidar, mas não fui eu!
- O cúmulo do peido alto é peidar num show de heavy metal e todo mundo ouvir.

- Peidei, mas não sei quem foi.
- Como é bom peidar e sair andando no meio da galera, e ninguém saber de onde vem o fedor.
- Nada como um belo peido pra finalizar uma cagada.
- Peido: melhor pra fora do que pra dentro.
- Peidar é arte, frear na cueca faz parte.
- Peido bom é aquele que começa tipo um miado e termina como um rugido.
- Quem nunca soltou um peido em uma sala fechada, não sabe o que é ser responsável por um teste de plano emergencial de evacuação.
- Relacionamento é igual peido: não adianta forçar, tem que deixar fluir.
- Quem nunca peidou dentro de um ônibus, e tentou mascarar o som, rasgando um jornal?
- Quem nunca achou que estava tendo um ataque cardíaco, mas melhorou depois de peidar, não sabe o que é ser um desfibrilador!
- Atenção! Alerta de tremores nas placas tectônicas do meu estômago, risco de envenenamento por gases tóxicos, vazamento de peido enriquecido!
- Felizes são os peidos, que além de morarem de graça, quando saem ainda dão esporro!
- Você peidou? Não, estou evaporando!
- O peido é a merda em aerossol!
- Você peidou? É lógico! Você acha que eu nasci com esse cheiro?
- Quem nunca soltou um peido que fez um ronco enorme, não sabe o que é ter escapamento esportivo.
- Química: o peido é a sublimação da bosta.
- O peido é uma força motriz que sai do cu e vai direto ao nariz!
- Peido tem caldo? Não? Então caguei!
- Quem nunca soltou aquele peido enquanto mijava, não sabe o que é ser multitarefa.

- Amigo não é aquele que chega e pergunta: “Você peidou?” Não! É aquele que diz: “Não fui nem eu, nem ele!”
- Se peido fosse bom ninguém soltava... prendia!
- Notícia do dia: Gambá cego se apaixonou por um peido.
- Peido foi o último esforço que o diabo fez para ver se o cu falava.
- O cara acaba de fumar um cigarro e chupa uma bala. É o mesmo que o cara acabar de peidar e sentar num sabonete
- Era uma vez um pintinho sem cu. Um dia ele foi peidar e explodiu.
- Era uma vez um pintinho com a bunda torta. Um dia ele foi peidar e deu um cavalo de pau.
- Com uma bunda dessa se você peidar num saquinho de confete, que é carnaval o ano inteiro!
- O peido é o grito de liberdade de uma merda oprimida.
- O arrotto é um peido que subiu na vida.
- Peido é um telegrama que avisa que atrás vem merda.
- O que é um peido para quem está todo cagado?
- Tem dias que você está triste mas ninguém repara sua lágrima. Tem dias que você está feliz mas ninguém repara seu sorriso. Experimente soltar um peido.
- Filho é igual a peido, você só aguenta o seu.

E cabe mais uma e derradeira explicação;
Cu não tem acento, cu precisa de assento.

DAR OU NÃO DAR





Um outro preconceito, que atrapalha a vida de muitos, é sobre o prazer que o cu dá a alguns.

Há quem não aprecie tal prática sexual, mas há os que sim, e esses têm todo o direito de praticar, sem que sejam julgados, o que vem a ser um absurdo.

Tenho uma amiga que adora. A cantora Sandy já proclamou que aprecia. E daí?

Qual é o problema?

Se algo causa prazer, porque impingir dor, por conta de julgamentos preconceituosos e ignorância?

Ignorância até de nossa anatomia.

Digo da anatomia do corpo do homem, no caso.

Sabe-se (alguns sabem) que a próstata é o órgão do prazer, tanto que muitos homens precisam tirá-la, cabendo a pergunta: por que alguém precisa extirpar o órgão do prazer? Teria o fulano negligenciado seu prazer na vida, a fonte de prazer secou, não encontrou mais sentido em sentir prazer?

Muitos podem ser os motivos...

Mas, como eu dizia, a próstata, que é um órgão de prazer do homem, ao ser manipulada proporciona prazer, e eis porque muitos gostam de ser manipulados em tal área, não significando necessariamente um estado de homossexualidade.

E os que são homossexuais, diferentemente do que pregam alguns de que o cu seja um órgão excretor apenas, obtêm sim prazer anal na relação por conta do contato com um ser de seu agrado e que é igual anatomicamente, e em função do explicado.

Mas até entre os gays há preconceito; os que são ativos se ufanam de tal situação.

Cabem aqui algumas reflexões:

Por que passivo e ativo?

E por que o passivo é mal visto? Por que o ativo se sente mais másculo, e inferioriza o passivo? Teria alguma semelhança ao papel da mulher, de se submeter?

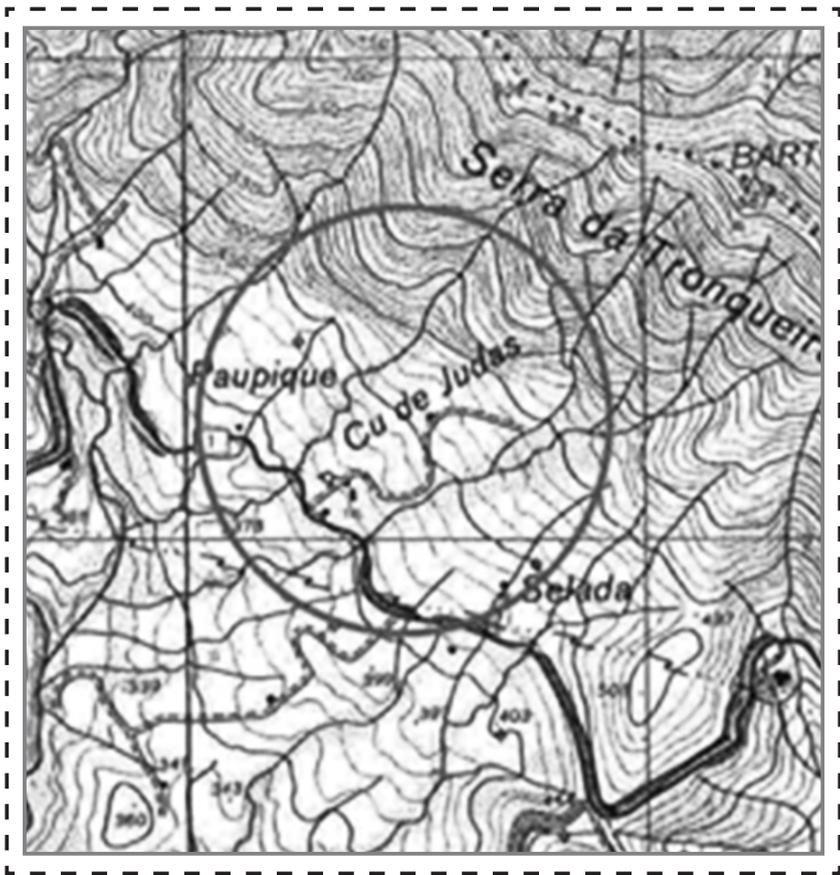
Bem provável que nessa sociedade machista, o homossexual passivo seja visto como o “feminino” na relação, e na sociedade patriarcal em que vivemos, o feminino é percebido como menos.

Mulheres, homens, animais podem ou não adotar esse modelo de prazer.

E fim.

CU DO JUDAS

ESSE LUGAR EXISTE!!!



IMPRESSO NO
OUTONO DE 2016